

Contos

LISTA BIBLIOGRÁFICA DE PORTUGUÊS
APOIO À DISCIPLINA DE PORTUGUÊS

Conto

APOIO À DISCIPLINA DE PORTUGUÊS

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2018

Contos Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

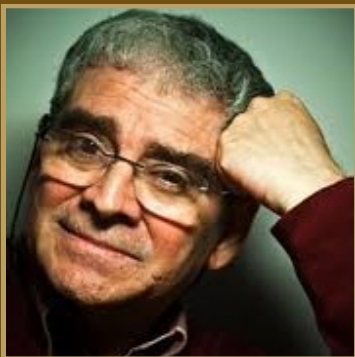
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



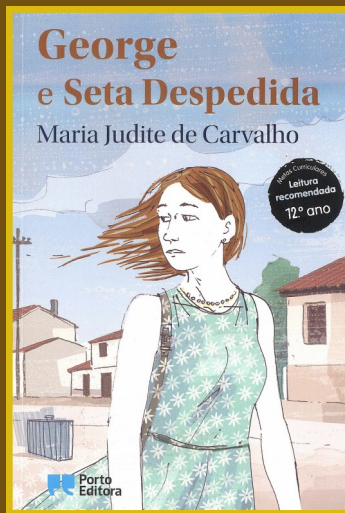
Clique nos recursos para aceder aos links

[Branquinho da Fonseca](#)

[Mário de Carvalho](#)

[Maria Judite Carvalho](#)

Os textos



Cota: 821.134.3-34 CAR

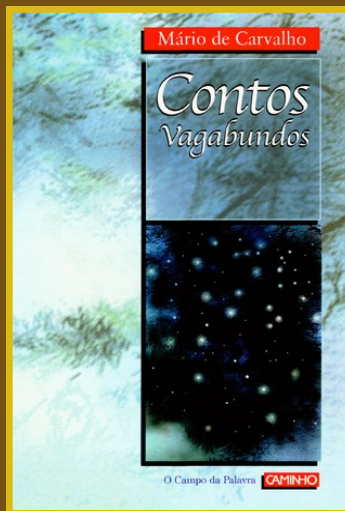
Os textos

Andam lentamente, mais do que se pode, como quem luta sem forças contra o vento, ou como quem caminha, também é possível, na pesada e espessa e dura água do mar. Mas não há água nem vento, só calor, na longa rua onde George volta a passar depois de mais de vinte anos. Calor e também aquela aragem macia e como que redonda de forno aberto, que talvez venha do sul ou de qualquer outro ponto cardeal ou colateral, perdeu a bússola não sabe nem onde nem quando, perdeu tanta coisa sem ser a bússola. Perdeu ou largou?

Caminham lentamente, pois George e a outra cujo nome quase quis esquecer, quase esqueceu. Trazem ambas vestidos claros, amplos, e a aragem empurra-os ao de leve, um deles para o lado esquerdo de quem vai, o outro para o lado direito de quem vem, ambos na mesma direção, naturalmente.

O rosto da jovem que se aproxima é vago e sem contornos, uma pincelada clara e, quando os tiver, a esses contornos, ele será um rosto de uma fotografia que tem corrido mundo numa mala qualquer, que tem morado no fundo de muitas gavetas, o único fetiche de George. As suas feições ainda são incertas, salpicando a mancha pálida. (pp. 7,8)

Carvalho, Maria Judite de. (2015). *George e Seta despedida*. Porto: Porto Editora.



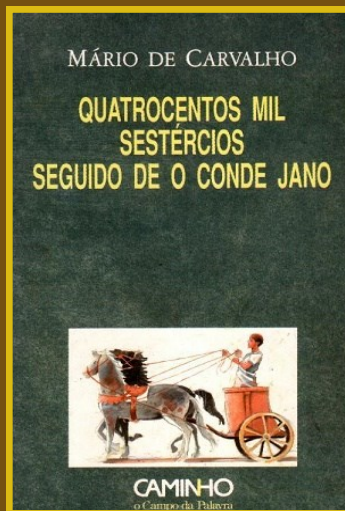
Cota: 821.134.3-34 CAR

Os textos

Por uma dessas ruas alongadas ruas do Porto, que sobe que sobe e não se acaba, há-de encontrar-se um cruzamento alto, de esquinas de azulejo, janelas de guilhotina, telhados de ardósia em escama. Faltam razões para flunar por esta rua, banal e comprida, a não ser a curiosidade por um insólito dispositivo conhecido de poucos: os únicos semáforos do mundo movidos a pedal, sobreviventes a outros que ainda funcionavam na Guatemala, no início dos anos setenta.

No dobrar do século XIX, Gerard Letelessier, jovem engenheiro francês, fracassou em Paris e em Lisboa, antes de convencer um autarca do Porto de que inventara um semáforo moderno, operado a energia elétrica, capaz de bem ordenar o trânsito de carroças de vinho, de carros de bois e landós da sociedade. A autoridade gostou do projeto e das garrafas de Bordéus que o jovem engenheiro oferecia. Os semáforos estiveram ensejados para a ponte, mas, de proposta em proposta (sempre se tratava de uma implantação experimental), acabaram na infrequentada Rua Fernão Penteado, na interceção com a travessa de João Roiz Castelo Branco. O sistema é simples e, pode dizer-se com propriedade, luminoso. (pp. 75, 76)

Carvalho, Mário de. (2000). *Contos vagabundos*. Lisboa: Caminho.



Cota: 821.134.3-34 CAR

Os textos

Mal o Sol começou a querer pôr-se, um sargento e poucos homens de armas, de festivo brial escarlate sobre cota de malha, brunida para a ocasião, atearam brandões nos fogareiros do pátio e, marchando em boa ordem, foram alinhar compostamente na esplanada fronteira às muralhas. Pela hora, tocavam os sinos longe as últimas Ave-Marias, num dobre alongado que rolava melancolicamente na humidade convulsa da aragem. Não fora consentido aos homens o resguardo de uma capa que ocultasse o luzimento das armas, razão pela qual batiam os pés com o frio, num áspero entrechoque metálico. Derivava o claror dos archotes ao som das tremuras, descobrindo, em relances picados, aqui o reflexo de um morrião, ou duma alabarda, além o vigamento duma casa, o trejeito de espanto de um peão, ou a rugosidade pedrosa do solo .

Mendigos e vilões apinhavam-se ao perto, a respeitosa distância dos contos das lanças e juntavam o burburinho da multidão aos sons dispersos, álares, que vinham do castelo. Pelas portas abertas, à luz vermelha dos brandões, viam passar esartejados, caminho das cozinhas, os despojos da caçada dessa manhã e almejavam a partilha ainda distante, das sobras do festim... (p. 87)

Carvalho, Mário de. (1991). *Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde Jano*. Lisboa: Caminho.



Cota: 821.134.3-34 FON

Os textos

António Barrasquinho, o Batola, é um tipo bem achado. Não faz nada, levanta-se quando calha, e ainda vem dormindo lá dos fundos da casa.

É a mulher que abre a venda e avia meia dúzia de fregueses de todas as manhãzinhas. Feito isto, volta à lida da casa. Muito alta, grave, um rosto ossudo e um sossego de maneiras que logo se vê que é ela que ali põe e dispõe.

Pois quando entra para os fundos da casa, vem saindo o Batota com a cara redonda amarfanhada num bocejo. Que pessoas tão diferentes! Ele quase lhe não chega ao ombro, atarracado, as pernas arqueadas. De chapeirão caído para a nuca, lenço vermelho amarrado ao pescoço, vem tropeçando nos caixotes até que lá consegue encostar-se ao umbral da porta. Fica assim um pedaço, a oscilar o corpo enquanto vai passando as mãos pela cara, como para afastar os restos do sono. Os olhos semicerrados abrem-se um pouco mais para os campos. Mas fecha-os logo, diante daquela monotonia desolada.

Dá meia a volta, enche a medida com o melhor vinho que há na venda, coloca-a sobre o balcão. Ao lado um copo. Puxa o caixote, senta-se e começa a beber a pequenos goles. (pp. 147, 148)

Fonseca, Manuel. (1981). *O fogo e as cinzas*. (11.^a ed.). Lisboa: Editorial Caminho.



Cota: 821.134.3-34 FON

Os textos

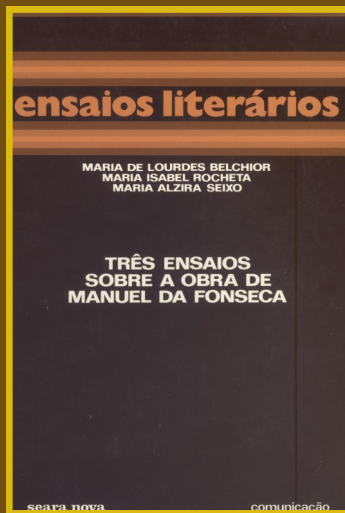
Quando o Lidoro desata a falar e a certa altura se propõe reforçar as próprias afirmações com aquilo a que chama uma historiazinha deveras notável, só usando de subtis artimanhas conseguimos fugir-lhe. Gordo e molengão, sempre no mesmo tom de voz, derrama-se por tais e tantas considerações que chega a causar tonturas ouvi-lo.

Um dia destes, põe-se ele a relatar-me uns casos ocorridos no café do Marinheiro Antigo. Após pormenorizar modos de vida, inclinações sentimentais e projetos para o futuro de alguns dos frequentadores, já eu procurava a melhor maneira de escapar-me, o Lidoro atira-me com esta:

- Aquilo, meu filho, é uma autêntica escola.

Enfim, mais uma opinião a juntar a tantas outras que correm pelo bairro. Se dermos crédito a uns sujeitos de fino gosto e pouca nota, aquilo não passa de uma baiuca. Outros despeitados e invejosos, resmungam tratar-se de uma casa de perdição, que até devia ser encerrada pela polícia, caramba. Ao que a maioria, chorando o dinheiro sumido na batota, acrescenta mais isto: um autêntico Pinhal da Azambuja. A mim, por vários motivos, não me cabe apurar de que lado está a razão, mas sempre me comoveu saber tais fulanos possuídos ... (pp. 91,92)

Fonseca, Manuel da. (1983). *Um anjo no trapézio*. (2.ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.



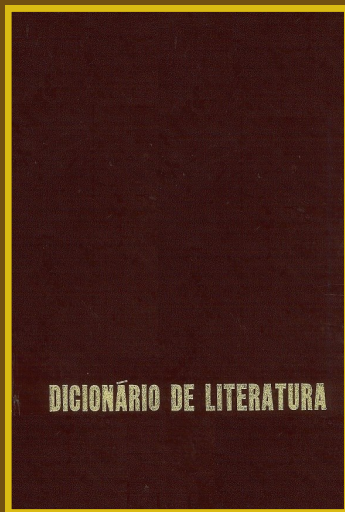
Cota: 80 BEL

Sobre os textos

Na base de esta leitura-escrita, uma opção: encarar *O Fogo e as Cinzas* como um livro. Não como uma simples colectânea de contos dispersos, mas como um todo, um conjunto coeso. A unidade que os textos revelam a uma primeira abordagem motivou esta atitude; e o texto inicial, «O Largo», funcionando como abertura, como índice em relação a todos os contos, influenciou decisivamente esta escolha.

Trata-se pois aqui de uma reflexão sobre *O Fogo e as Cinzas* no seu conjunto. São assim sublinhados os traços comuns às várias narrativas, em prejuízo da especificidade textual de cada uma delas. Em muitos dos contos deste livro surgem-nos como figuras centrais ou, pelo menos, importantes, os «velhos». Os velhos, por vezes atingidos pela miséria, situação que decorre da perda do seu único bem: a força dos seus braços; miséria que se traduz num total estreitamente de horizontes, nas dimensões espacial e temporal, miséria extrema que apenas pode gerar violência e morte. São personagens para quem a temporalidade é vivência dolorosa. (pp. 53, 54)

Belchior, Maria de Lurdes, Rocheta, Maria Isabel,& Seixo, Maria Alzira (1980). *Três ensaios sobre a obra de Manuel da Fonseca*. Lisboa: Seara Nova.



Cota: 80(038) COE

Sobre os textos

Um traço novo, porém: na medida em que a economia de meios agora exigida pelo conto o aproxima da poesia, torna-se frequente a coexistência dum poeta e de um contista no mesmo homem. Começa essa simbiose em Mário de Sá Carneiro, que escreve *Princípio* (1912), novelas inexperientes mas importantíssimas para a revelação do seu mundo interior, e, alguns anos depois, *Céu em fogo* (1915).

José Régio, tardiamente embora, deixa marcada a sua contribuição para o género em *Histórias de Mulheres* (1946). Branquinho da Fonseca publica *Caminhos Magnéticos* e *Rio Turvo*. Miguel Torga põe nos seus *Contos da Montanha* e nos seus *Bichos* a violência e a poesia numa alma onde essas antinomias convivem.

O conto, de resto, casa-se bem com o temperamento português, feito de pronta emoção e rápida catarse. Por isso o género tem no presente cultores talentosos, de entre os quais seria injusto não destacar os nomes de José Rodrigues Migueis, Domingos Monteiro, Castro Soromenho, Loureiro Botas, António Vitorino, Irene Lisboa, Maria Archer, Fernando Namora, Manuel da Fonseca, João Araújo Correia, José Gomes Ferreira; Manuel Mendes, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Maria Judite de Carvalho ... (p. 214)

Coelho, Jacinto do Prado. (1976). *Dicionário de literatura*. (3.^a ed.). Porto: Figueirinhas.

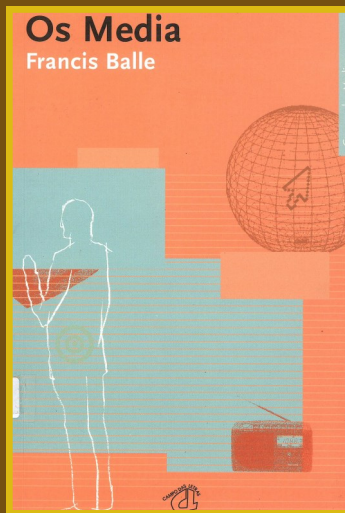


Cota: 80 ANA

Uma teoria interpretativa da narrativa de conter, como estabeleceu Lévi-Strauss para os mitos indígenas, duas componentes: a armadura, elemento invariante, espécie de gramática comum a todas narrativas-exemplo; e o código, estrutura formal, constituído por um «feixe de categorias sémicas redundantes» organizadas num sistema taxinômico que dá conta «dos princípios organizadores do universo mitológico do qual é a manifestação realizada nas condições históricas dadas, isto é, uma componente relativa ao contexto. Deve ficar claro que contexto aqui refere-se exclusivamente a uma situação linguística: o código é em última análise um dicionário em que determinados lexemas narrativos estão definidos por um semema (conjunto de semas). Estas duas componentes podem ser consideradas como universais metodológicos. A instância gramatical da teoria comporta dois níveis de profundidade: um conceitual, de caráter genérico, em que determinados lexemas-valores são afirmados ou negados em operações sucessivas que formam um algoritmo dialético, a partir do modelo teórico básico que parece presidir qualquer manifestação significativa, que se pode exprimir por uma correlação de contraditórios. (pp. 14, 15)

Pinto, Milton José, (1976). A mensagem narrativa. In Barthes, R., Greimas, A. J., Bremond, C., Eco, H., Gritti, J., Morin, V. - *Análise estrutural da narrativa*. (4.ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Sobre os textos



Cota: 659 BAL

ConTexto(s)

A rádio é o primeiro media da história capaz de alcançar em direto uma audiência dispersa e numerosa. Nem a imprensa, nem o cinema são media de difusão. Com a rádio, o direto substitui o diferido, o imediatismo suplanta a mediação, a imaterialidade das ondas marca a sua supremacia relativamente à materialidade do papel de jornal ou de sala de cinema. Leon Plouvier, evocando os seus tempos como diretor da Radio-PTT-Nord, conta nas suas Memórias “as pessoas apressavam-se a ir para casa, para não perder nada destes serões. Lá se iam as paragens nos cabarés, lá se iam as partidas cartas em frente a uma caneca de cerveja. A tal ponto que o sindicato dos retalhistas de bebidas interveio junto da câmara para acabar connosco.”

As vantagens da rádio não escapam ao poder político. Os dirigentes da União Soviética, desde o seu nascimento, em 1917, fazem deste media um meio de difusão da sua boa nova: em 1929, a Rádio Moscovo emite regularmente programas para o estrangeiro em várias línguas. Anos mais tarde, Goebbels recomenda aos seus concidadãos que abram as janelas para permitir que o pensamento nazi chegue a toda a gente através da rádio. Assimilando o impacto deste media a um verdadeiro condicionamento, de acordo com o esquema de Pavlov ... (p. 32)

Balle, Francis. (2003). *Os media*. Porto: Campo das Letras.

**Novas
coordenadas no
romance por-
tuguês ■ por
Roxana Emi-
nescu**



Biblioteca Breve

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

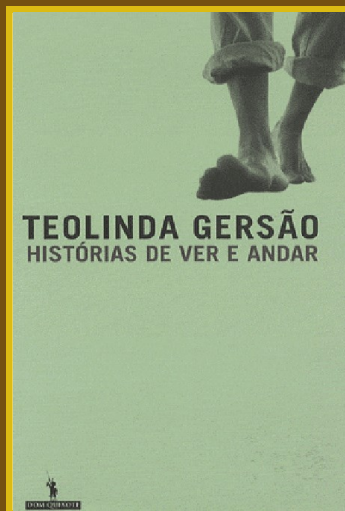
Cota: 80 EMI

As aventuras do passado desenvolviam-se em grandes espaços, percorriam toda a terra, atravessavam mares, reuniam os mais variados cenários, cuja íntima relação com o homem presidia a uma definição recíproca. Dom Quixote atravessava o planalto de Castela, ia de pousadas a castelos, encontrava moinhos de vento, bosques e campos constituíam o pano de fundo das suas aventuras. Os heróis queirosianos vinham de Londres ou de África e davam passeios a Sintra; as personagens de Aquilino desenhavam nas suas andanças o mapa minucioso do norte de Portugal até às margens do Tejo.

Nos últimos vinte anos, tomando o prazo como muito relativo, o cenário dum romance reduziu-se ao mínimo necessário. A concorrência do cinema e da televisão, a possibilidade de conhecermos, visualmente, espaços que até agora só podíamos imaginar, tornou desnecessária a descrição do ambiente na literatura. E, paradoxalmente, ao antigo desejo de ultrapassar as fronteiras espaciais do nosso conhecimento, substitui-se a indiferença, o desinteresse por esses mundos. Voltámos as costas ao resto do mundo, fechando-nos dentro do nosso ambiente imediato, sempre mais restrito. (p. 93)

Eminescu, Roxana. (1983). *Novas coordenadas no romance português*. Lisboa: Inst. Cult. Língua Portuguesa.

ConTexto(s)

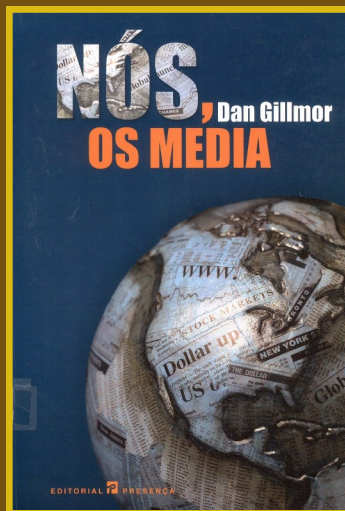


Cota: 821.134.3-34 GER

ConTexto(s)

Nos dias em que a vejo não consigo dormir. Há outros bocados de filme que me vêm às cabeça, guardo-os na memória com muito cuidado para não os perder, ela a por fatias de pão e um pacote de leite na mesa, a travar o despertador que começou a tocar, a abrir-me a porta quando chego à noite, bocados de filme que vejo vezes sem conta, cenas mínimas, por vezes desconexas que tento manusear com jeito, projetar com uma lâmpada não demasiado forte, para não correr o risco de se incendiarem, prefiro ver essas cenas em quase sépia, esbatidas, cenas de sexo prefiro não pensar embora também me venham à cabeça, sobretudo quando sonho com ela, às vezes penso o que lhe diria se lhe escrevesse uma carta, já tentei escrever-lhe mas desisto sempre, uma noite sonhei que ela me mandava um vídeo, mas talvez não seja sonho, deve ser uma cena de um filme que vi algures, chego a casa e ela não está, depois reparo que há um vídeo no gravador, vejo a cara dela de todo o tamanho do ecrã e no ecrã ela diz-me que se vai embora, tem uma camisola azul e uma correntinha de ouro ao pescoço e no pulso uma argola que me parece de prata ... (p. 38)

Gersão, Teolinda . (2002). *Histórias de ver e andar* . (2.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.



Cota: 659 GIL

Os programas e debates sempre tinham existido desde que havia rádio e os primeiros programas com pedidos telefônicos dos ouvintes datam de 1945. Apresentadores opiniosos, vindos principalmente da direita, como o padre Coughlin, protestavam com violência contra o governo, os impostos, a decadência cultural e uma série de assuntos que, segundo eles e quem os ouvia, não tinham recebido a devida atenção por parte dos órgãos de comunicação de referência. Eram simultaneamente animadores e comentadores, os programas atraíam verdadeiras multidões de ouvintes.

Mas o moderno debate radiofônico tinha uma outra característica fundamental: a participação dos ouvintes. Estes, cidadãos comuns, eram convidados a expor as suas opiniões através do rádio. Antes disso, as pessoas normais não tinham um meio imediato ou regular de exprimir as suas opiniões ou de contarem as suas histórias; limitando-se apenas a enviar cartas aos diretores do jornal. Agora podiam fazer parte do programa acrescentando as suas próprias ideias às do apresentador. Quem fazia a notícia era o ouvinte. (p. 29)

Gillmor, Dan. (2005). *Nós, os media*. Barcarena: Presença.

ConTexto(s)



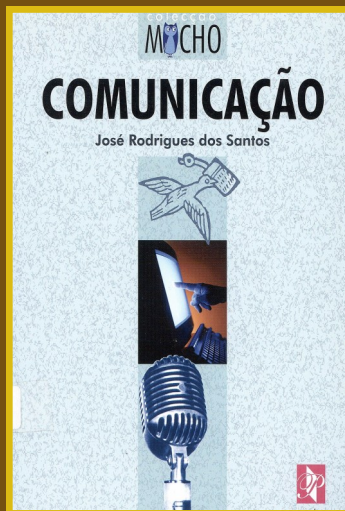
Cota: 80 TAV

Novelista das pessoas sem existência – sem passado, sem amor, sem projetos -, próximas do suicídio, única forma de gritar ao mundo, como Camila de um dos contos de Seta Despedida, Maria Judite de Carvalho, senhora de uma escrita sóbria, extremamente maleável e sugestiva, cheia de constatações irónicas, mesmo quando exprime a tristeza ou a indiferença, dá-nos neste seu último livro uma espécie de resumo, particularmente dramático, se for lido com atenção, da obra sabiamente arquitetada, na sua múltipla temporalidade e na abordagem da consciência, do vazio dos seres humanos, que vem construindo há cerca de trinta e cinco anos.

A paixão não passa pelas ficções de Maria Judite de Carvalho, mas o abandono, o ostracismo, a marginalização afetiva e social das personagens, que nunca ou quase nunca protestam, choram, confidenciam, causa ao leitor um mal-estar, que seria, por vezes insuportável, não fora o humor que discretamente se insinua, tudo apagando nas suas metáforas, nos seus adjetivos, nas suas soluções narrativas. Nos próprios títulos dos contos. (p. 175)

Rodrigues, Urbano Tavares. (2001). O texto sobre o texto : uma visão sobre Literatura Portuguesa Contemporânea.. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda.

ConTexta(s)



Cota: 316 SAN

ConTexto(s)

O legado do medo atingiu o clímax no rescaldo da célebre emissão de Orson Welles com o público a interrogar-se novamente quanto ao poder dos meios de comunicação. A emissão da *Guerra dos Mundos*, em 1938, constituiu uma rara oportunidade para os cientistas sociais estudarem o fenómeno da influência e capacidade de persuasão da comunicação social. A universidade de Princeton organizou uma equipa de estudo para pesquisar, pela primeira vez, a capacidade de um meio de comunicação de massas instalar o pânico num país inteiro. Esse estudo transformou-se num clássico, publicado mais tarde por Hadley Cantril, em «The invasion from Mars» («A Invasão de Marte»)

Os investigadores queriam saber quão grande foi o pânico nos Estados Unidos, e por que motivo a Guerra dos Mundos assustou a população enquanto centenas de outros programas radiofónicos não o fizeram. Mas sobretudo, os cientistas sociais estavam intrigados pelo facto de os efeitos da emissão não terem sido uniformes. Ou seja, houve pessoas que se assustaram, mas outras não. Esta constatação era inconsistente com o modelo do estímulo-resposta e com a teoria das balas mágicas... (p. 29)

Santos, José Rodrigues dos. (2001). *Comunicação*. Lisboa: Prefácio .

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário